

CHRISTOPHER CLARK

# Os sonâmbulos

*Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial*

*Tradução*

Berilo Vargas

Laura Teixeira Motta



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Christopher Clark  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914

*Capa*

Claudia Espinola de Carvalho

*Foto de capa*

UIG/ Getty Images

*Preparação*

Flavia Lago

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Huendel Viana

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Clark, Christopher

Os sonâmbulos : Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial /  
Christopher Clark ; tradução Berilo Vargas, Laura Teixeira Motta ;  
— 1ª ed.— São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : The Sleepwalkers : How Europe Went to War  
in 1914

ISBN 978-85-359-2431-2

1. Europa — Política e governo — 1871-1918 2. Guerra Mundial,  
1914-1918 — Causas 3. Guerra Mundial, 1914-1918 — História  
diplomática I. Título.

---

14-02655

CDD-940.311

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerra Mundial : 1914-1918 : Europa : História

940.311

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

<i>Lista das imagens</i> .....	II
<i>Lista dos mapas</i> .....	13
<i>Agradecimentos</i> .....	15
Introdução .....	21
PARTE I — CAMINHOS PARA SARAJEVO	
1. Fantasmas sérvios .....	33
Assassinato em Belgrado .....	33
“Elementos irresponsáveis” .....	43
Mapas mentais .....	50
Separação .....	57
Escalada .....	63
Três guerras turcas .....	72
A conspiração .....	77
Nikola Pašić reage .....	85
2. O Império sem qualidades .....	94
Conflito e equilíbrio .....	94

Os enxadristas . . . . .	107
Mentiras e falsificações . . . . .	116
Calma enganosa. . . . .	122
Falcões e pombos. . . . .	128

PARTE II — UM CONTINENTE DIVIDIDO

3. A polarização da Europa, 1887-1907. . . . .	149
Ligação perigosa: a aliança franco-russa. . . . .	152
O julgamento de Paris. . . . .	159
O fim da neutralidade britânica . . . . .	163
Império temporão: Alemanha . . . . .	169
O momento decisivo? . . . . .	180
Engendrando uma inimizade . . . . .	187
4. As muitas vozes da política externa europeia. . . . .	196
Soberanos decisores. . . . .	198
Quem governava em São Petersburgo? . . . . .	213
Quem governava em Paris? . . . . .	218
Quem governava em Berlim? . . . . .	225
A atribulada supremacia de Sir Edward Grey. . . . .	228
A crise de Agadir em 1911 . . . . .	233
Soldados e civis. . . . .	242
A imprensa e a opinião pública . . . . .	254
A fluidez do poder . . . . .	267
5. Complicações nos Bálcãs. . . . .	270
Ataques aéreos na Líbia. . . . .	271
Os Bálcãs em polvorosa. . . . .	279
O cambiante. . . . .	286
A crise do inverno de 1912-3 nos Bálcãs . . . . .	294
Bulgária ou Sérvia?. . . . .	300
Os apuros da Áustria . . . . .	309
A balcanização da aliança franco-russa. . . . .	320
Paris força a paz . . . . .	329
Poincaré sob pressão . . . . .	335

6. Últimas chances: déttente e perigo, 1912-4 . . . . .	341
Os limites da déttente . . . . .	341
“Agora ou nunca” . . . . .	353
Alemães no Bósforo. . . . .	362
O cenário nos Bálcãs . . . . .	377
Uma crise de masculinidade? . . . . .	386
Até onde o futuro era indeterminado? . . . . .	389

PARTE III — CRISE

7. Assassinato em Sarajevo . . . . .	395
O assassinio . . . . .	395
Momentos indelévels. . . . .	403
Começa a investigação . . . . .	409
Reações sérvias. . . . .	414
O que fazer? . . . . .	418
8. O círculo se amplia. . . . .	430
Reações pelo mundo . . . . .	430
O conde Hoyos vai a Berlim . . . . .	438
O caminho para o ultimato austríaco. . . . .	449
A estranha morte de Nikolai Hartwig . . . . .	456
9. Os franceses em São Petersburgo . . . . .	459
O conde De Robien muda de trem. . . . .	459
Monsieur Poincaré navega para a Rússia . . . . .	464
O jogo de pôquer . . . . .	469
10. O ultimato . . . . .	477
A Áustria pergunta. . . . .	477
A Sérvia responde . . . . .	484
Começa uma “guerra local” . . . . .	495
11. Tiros de advertência. . . . .	497
A firmeza se impõe . . . . .	497
“Destá vez é guerra” . . . . .	501
Razões russas. . . . .	506

12. Últimos dias . . . . .	514
Uma estranha luz cai sobre o mapa da Europa . . . . .	514
Poincaré volta para Paris . . . . .	524
A Rússia se mobiliza . . . . .	532
O salto no escuro . . . . .	541
“Deve haver algum mal-entendido” . . . . .	553
As tribulações de Paul Cambon . . . . .	563
A Grã-Bretanha intervém . . . . .	567
Bélgica . . . . .	573
Coturnos . . . . .	578
Conclusão. . . . .	581
<i>Notas</i> . . . . .	591
<i>Índice remissivo</i> . . . . .	679

PARTE I  
CAMINHOS PARA SARAJEVO

# I. Fantasmas sérvios

## ASSASSINATO EM BELGRADO

Pouco depois das duas da manhã de 11 de junho de 1903, 28 oficiais do Exército sérvio aproximaram-se da entrada principal do palácio real em Belgrado.\* Depois de uma troca de tiros, as sentinelas à porta foram detidas e desarmadas. Com as chaves tomadas do capitão em serviço, os conspiradores entraram no saguão da recepção e seguiram para o dormitório real, correndo pelas escadas e passagens. Encontraram os apartamentos do rei barrados por duas pesadas portas de carvalho. Explodiram-nas com uma caixa de dinamite. A carga fortíssima arrancou as portas dos gonzos e as arremessou para dentro da antecâmara, matando o ajudante real que estava atrás delas. A explosão queimou os fusíveis do palácio, que mergulhou na escuridão. Impassíveis, os intrusos descobriram velas em um aposento próximo e entraram no apartamento real. Quando chegaram ao quarto de dormir, o rei Alexandar e a rainha Draga já não estavam lá. Mas um romance francês jazia aberto com a capa para cima na mesinha de cabeceira da rainha. Alguém notou que a cama ainda estava quente: pelo jeito, tinham saído fazia pouco tempo. Depois de vasculharem o

\* Hoje o edifício abriga a Assembleia Municipal de Belgrado em Dragoslava Jovanovića.



quarto em vão, os intrusos esquadriharam o palácio à luz de velas, de revólver em punho.

Enquanto os oficiais irrompiam em cômodo após cômodo atirando nos armários, tapeçarias, sofás e outros possíveis esconderijos, o rei Alexander e a rainha Draga comprimiam-se no andar superior, em um minúsculo anexo contíguo ao quarto de dormir onde as criadas da rainha passavam e cerziam roupas. Por quase duas horas a busca prosseguiu. O rei aproveitou esse intervalo para vestir o mais silenciosamente possível calças e uma camisa de seda vermelha. Não queria que os inimigos o encontrassem nu. A rainha deu um jeito de se cobrir com uma anágua, um espartilho de seda branca e um pé de meia amarela.

Em várias partes de Belgrado, outras vítimas acabaram por ser encontradas e mortas: os dois irmãos da rainha, suspeitos de cobiçar o trono sérvio, foram induzidos a deixar a casa da irmã em Belgrado e “levados para uma casa da guarda próxima do palácio, onde foram insultados e barbaramente apunhalados”.<sup>1</sup> Os assassinos também invadiram os aposentos do primeiro-ministro, Dimitrije Cincar-Marković, e do ministro da Guerra, Milovan Pavlović. Executaram ambos; Pavlović, que se escondera num baú de madeira, com 25 tiros. O ministro do Interior, Belimir Theodorović, foi baleado e tido por morto, mas depois se recuperou dos ferimentos. Outros ministros foram detidos.

No palácio, o leal primeiro ajudante do rei, Lazar Petrović, que tinha sido desarmado e detido depois de uma troca de tiros, foi levado por corredores escuros e forçado a chamar pelo rei em cada porta. Os conspiradores retornaram à câmara real para uma segunda busca e por fim encontraram uma entrada oculta atrás das cortinas. Quando um dos atacantes propôs abrir a parede com um machado, Petrović viu que o jogo tinha terminado e concordou em pedir ao rei para sair. Por trás do painel, o rei indagou quem estava chamando, e o ajudante respondeu: “Sou eu, o seu Laza, abra a porta para seus oficiais!”. O rei replicou: “Posso confiar no juramento dos meus oficiais?”. Os conspiradores responderam que sim. Segundo um relato, o rei, descaído, de óculos e com sua incongruente camisa vermelha de seda, apareceu abraçando a rainha. O casal foi abatido por uma saraijada de tiros à queima-roupa. Petrović sacou um revólver que trazia escondido, em uma tentativa desesperada de proteger seu senhor (ou pelo menos isso foi alegado mais tarde), mas também foi morto. Seguiu-se uma orgia de violência gratuita. Os corpos foram golpeados por espadas, dilacerados por baionetas, parcialmente estripados e esquartejados com machados até ficarem irreconhecíveis,

segundo o testemunho posterior do traumatizado barbeiro italiano do rei, que recebeu ordens de recolher os corpos e vesti-los para o sepultamento. O corpo da rainha foi içado até o parapeito da janela do quarto e jogado no jardim, praticamente despido e viscoso de sangue. Relatou-se que, quando os assassinos tentaram fazer o mesmo com Alexandar, uma das mãos do rei fechou-se momentaneamente ao redor do parapeito. Um oficial golpeou o punho com um sabre, e o corpo despencou e se estatelou lá embaixo, espalhando dedos decepados. Quando os assassinos se reuniram no jardim para fumar e inspecionar os resultados de sua obra, tinha começado a chover.<sup>2</sup>

Os acontecimentos de 11 de junho de 1903 marcaram uma guinada na história política da Sérvia. A dinastia Obrenović, que governara por boa parte da breve vida do país como um Estado independente moderno, não existia mais. Horas

1. *Petar I Karadjordjević.*

depois do assassinio, os conspiradores anunciaram o fim da linhagem Obrenović e a sucessão no trono por Petar Karadjordjević, então exilado na Suíça.

Por que um ajuste de contas tão brutal com a dinastia Obrenović? A monarquia nunca estabelecera uma existência institucional estável na Sérvia. A raiz do problema estava, em parte, na coexistência de famílias dinásticas rivais. Dois grandes clãs, os Obrenović e os Karadjordjević, tinham se destacado na luta para libertar a Sérvia do controle otomano. O ex-pastor de vacas “Jorge Negro” (em sérvio, “Kara Djordje”) Petrović, fundador da linhagem Karadjordjević, liderou um levante em 1804 que conseguiu expulsar os otomanos da Sérvia por alguns anos. Mas ele fugiu para o exílio na Áustria em 1813, quando os otomanos armaram uma contraofensiva. Dois anos depois, um segundo levante contou com a liderança de Miloš Obrenović, um flexível maquinador político que conseguiu negociar com as autoridades otomanas o reconhecimento do principado sérvio. Quando Karadjordjević voltou do exílio para a Sérvia, foi assassinado por ordem de Obrenović, com a conivência dos otomanos. Depois de se livrar de seu principal rival político, Obrenović recebeu o título de príncipe da Sérvia. Membros do clã Obrenović governaram a Sérvia durante a maior parte da existência do principado no Império Otomano (1817-78).

O enfrentamento de dinastias rivais, a localização — exposta no meio dos Impérios Otomano e Austríaco — e uma cultura política acentuadamente irreverenciosa dominada por pequenos camponeses foram os fatores que se combinaram e asseguraram que a monarquia permanecesse uma instituição em pé de guerra. É notável que poucos dos regentes sérvios do século XIX tenham morrido no trono de causas naturais. O fundador do principado, príncipe Miloš Obrenović, foi um autocrata brutal com um reinado marcado por rebeliões frequentes. No verão de 1839, Miloš abdicou em favor de seu filho mais velho, Milan; o novo rei, combatido pelo sarampo, nem chegou a tomar consciência de sua ascensão ao trono, e morreu treze dias depois. O reinado do filho mais novo, Mihailo, encerrou-se prematuramente quando ele foi deposto por uma rebelião em 1842, abrindo caminho para a ascensão de um Karadjordjević — nada menos do que Alexandar, filho do “Negro Jorge”. Mas em 1858, Alexandar também foi forçado a abdicar, para ser sucedido novamente por Mihailo, que voltou ao trono em 1860. Mihailo não foi mais popular nesse segundo reinado do que havia sido no primeiro; oito anos depois, acabou assassinado, juntamente com uma prima, em uma conspiração que pode ter contado com o apoio do clã Karadjordjević.

O longo reinado do sucessor de Mihailo, o príncipe Milan Obrenović (1868-89), proporcionou alguma continuidade política. Em 1882, quatro anos depois que o Congresso de Berlim concedeu à Sérvia a condição de Estado independente, Milan proclamou-a reino e a si mesmo, rei. No entanto, níveis elevados de turbulência política continuaram a ser um problema. Em 1883, o empenho do governo para tirar de circulação as armas de fogo de milícias camponesas no noroeste da Sérvia desencadeou uma grande rebelião provinciana, a revolta de Timok. Milan reagiu com represálias brutais aos rebeldes e uma caça às bruxas contra figuras do alto escalão político em Belgrado, suspeitas de ter fomentado a insurgência.

A cultura política sérvia transformou-se no começo dos anos 1880 com o surgimento de partidos políticos do tipo moderno, com jornais, assembleias, manifestos, estratégias de campanha e comitês regionais. A essa formidável nova força na vida pública o rei respondeu com medidas autocráticas. Quando as eleições de 1883 resultaram em uma maioria hostil no Parlamento sérvio (conhecido como Skupština), o rei se recusou a nomear um governo recrutado no Partido Radical, dominante, e escolheu, em vez disso, formar um gabinete de burocratas. A Skupština foi aberta por decreto e então fechada por decreto dez minutos depois. Uma desastrosa guerra contra a Bulgária em 1885, resultado de decisões executivas do rei tomadas sem consultar ministros nem Parlamento, e um amargo e escandaloso divórcio de sua mulher, a rainha Nathalie, solaparam ainda mais a posição do monarca. Quando Milan abdicou em 1889 (na esperança, entre outras coisas, de desposar a bela e jovem esposa de seu secretário pessoal), não deixou saudade.

A regência incumbida de gerir os assuntos da Sérvia durante a menoridade do filho de Milan, o príncipe herdeiro Alexandar, durou quatro anos. Em 1893, com apenas dezesseis anos, Alexandar derrubou a regência em um esdrúxulo golpe de Estado: os ministros do gabinete foram convidados para um jantar e cordialmente informados durante um brinde de que estavam todos presos; o jovem rei anunciou que pretendia assumir “todo o poder real”; os principais prédios ministeriais e a administração do telégrafo já estavam ocupados pelas Forças Armadas.<sup>3</sup> Os cidadãos de Belgrado acordaram na manhã seguinte com a cidade coberta de cartazes avisando que Alexandar tomara o poder.

Na verdade, o ex-rei Milan ainda controlava os acontecimentos nos bastidores. Ele próprio havia formado a regência e engendrado o golpe em benefício do filho. Em uma grotesca manobra de família para a qual é difícil encontrar paralelo

na Europa contemporânea, o pai que abdicou serviu de principal conselheiro do filho real. Entre 1897 e 1900, essa combinação foi formalizada na “duarquia Milan-Alexandar”. O “rei-pai Milan” foi nomeado supremo comandante do Exército sérvio, o primeiro civil a exercer esse cargo.

No reinado de Alexandar, a história da dinastia Obrenović entrou na sua fase terminal. Apoiado dos bastidores pelo pai, Alexandar rapidamente desperdiçou a esperançosa boa vontade que costuma acompanhar o início de um novo regime. Desconsiderou as cláusulas relativamente liberais da Constituição sérvia e impôs uma espécie de governo absolutista: eliminou o voto secreto, revogou a liberdade de imprensa, fechou jornais. Quando a liderança do Partido Radical protestou, foi excluída do poder. Alexandar aboliu, impôs e suspendeu Constituições como um ditador barato. Não mostrou respeito pela independência do Judiciário e chegou até a tramar contra a vida de políticos veteranos. O espetáculo do rei e do rei-pai acionando levianamente as alavancas do Estado lado a lado — sem falar na rainha-mãe, Nathalie, que continuava a ser uma figura importante nos bastidores, apesar do fim de seu casamento com Milan — teve um impacto devastador sobre o prestígio da dinastia.

A decisão de Alexandar de desposar a malfalada viúva de um obscuro engenheiro não favoreceu a situação. Ele conhecera Draga Mašin em 1897, quando ela era dama de honra da mãe dele. Draga tinha dez anos a mais do que o rei e era malquista na sociedade belgradina; muitos a julgavam infértil e a reputavam protagonista de numerosos amores ilícitos. Durante uma acalorada reunião do Conselho da Coroa, quando os ministros tentaram em vão dissuadir o rei de se casar com Mašin, o ministro do Interior, Djordje Genčić, ofereceu um argumento eloquente: “Meu senhor, não pode se casar com ela. Ela já foi amante de todo mundo — inclusive minha”. A recompensa do ministro pela franqueza foi uma estrondosa bofetada. Genčić mais tarde aderiria às fileiras da conspiração regicida.<sup>4</sup> Entreveros semelhantes ocorreram com outras autoridades.<sup>5</sup> Em uma turbulenta reunião de gabinete, o primeiro-ministro em exercício chegou a propor que pusessem o rei em prisão domiciliar ou o tirassem à força do país, a fim de impedir a celebração do casamento.<sup>6</sup> Tão grande era a oposição a Mašin entre as classes políticas que, durante algum tempo, o rei não conseguiu recrutar candidatos adequados a cargos elevados; a notícia do noivado de Alexandar com Draga bastou para causar a renúncia de todo o gabinete, e o rei foi obrigado a se virar com um eclético “gabinete de núpcias” formado por figuras desconhecidas.